Capítulo XXIII — O espírito da Religião

Partidos da origem dos tempos, assistimos ao nascimento da religião, contemporânea do nascimento do homem; com ela entramos no Paraíso terrestre. Viajamos com ela sob a tenda dos Patriarcas; vimo-la como o sol que ilumina o mundo, atraindo em sua órbita e fazendo gravitar para si todos os impérios e todos os acontecimentos; passando de sua aurora ao seu nascer, de seu nascer ao seu meio-dia, e do alto do Calvário irradiando eternamente sobre o mundo, semeando na terra os benefícios e os milagres, como o próprio Deus semeou os astros nas planícies do firmamento, desafiando os séculos e as tempestades e, sempre jovem, cantando sobre a cova de todos os seus perseguidores o cântico de sua imortalidade: Desde os dias de minha infância, os reis e os povos muitas vezes se coligaram contra mim; muitas vezes forjaram sobre meu dorso como sobre uma bigorna; mas nada puderam contra mim, et non potuerunt. Assim é que, segundo o conselho de Santo Agostinho, ensinamos a letra da religião.

À vista dessa letra magnífica, pergunta-se que espírito a anima; que lei única, perpétua, imutável preside à existência e à conservação desse fato único, perpétuo, imutável. Ora, todas as maravilhas que contemplamos são produzidas por um só e mesmo espírito, por uma só e mesma lei, o AMOR; e porque é a lei da religião, essa lei é a lei fundamental de todas as sociedades. Escutemos o Apóstolo, encarregado especialmente de promulgá-la.

«Deos he caridade», diz São João, Deus charitas est; logo, todas as suas obras, acrescenta São Leão Magno, são amor e misericórdia, Deus, cujus natura bonitas, cujus opus misericordia; pois Deus não pode manifestar senão o que é. Assim, Deus amando o homem, amando-o sempre, não tendo, desde toda a eternidade e desde o começo do mundo, senão um único desígnio, o de tornar o homem feliz coroando-o de glória, cumulando-o de bens, reparando o mal que fez a si mesmo e fazendo concorrer para o cumprimento desse único pensamento o céu e a terra, os povos e os reis, o mundo antigo e o mundo moderno; numa palavra, Deus amando o homem: eis toda a história do mundo, eis toda a religião e, se é permitido dizê-lo, eis todo Deus.

Desse fato revelador as provas brilham por toda parte. Assim, criação, conservação, redenção, glorificação, essas quatro palavras resumem o tempo e a eternidade. Ora, criar é amar; conservar é amar; resgatar é amar; glorificar é amar. Para falar aqui apenas da redenção, não é ela o centro para o qual tudo gravita, o fim a que tudo se refere? Para quem sabe ler, cada página da história não expõe algum dos meios empregados por Deus para preparar esse fato imenso, realizá-lo, mantê-lo e estendê-lo? E a redenção não é o grande mistério da caridade de Deus para com o homem[1]?

Não é a esse conselho imutável da caridade de Deus que o homem inocente deveu toda a sua felicidade, toda a sua glória? Não é ao mesmo conselho que o homem decaído é devedor do que conservou ou recuperou de luzes, de virtudes, de esperança e, por conseguinte, de felicidade?

E primeiro, dignai-vos dizer-nos de onde partia o raio luminoso que iluminou o gênero humano durante a longa noite do paganismo. De onde lhe veio originariamente o fraco conhecimento da Divindade, da distinção do bem e do mal, das penas e das recompensas de uma vida futura e de todas essas verdades fundamentais que distinguem o homem do bruto? — Da razão! — Na verdade; e dizei-nos então em que dia a razão inventou Deus, inventou as verdades e os deveres que decorrem da noção desse Ser soberano. A razão inventar Deus! Tanto valeria dizer que o finito inventou o infinito, o filho seu pai.

Em seguida, quem manteve entre os homens, mergulhados no abismo da idolatria, um resto de justiça, de equidade, de costumes e de subordinação? — A filosofia, dizeis. Onde estão essas luzes que o mundo antigo deveu à filosofia? Que lhe ensinou ela que a tradição religiosa não lhe tivesse ensinado primeiro? Que digo? Que noções ainda um pouco justas sobre Deus, sobre a alma, sobre a criação da matéria, sobre o soberano bem, sobre o fim do homem, conservadas aos povos idólatras pela religião, como a frágil herança que um pai conserva a seu filho pródigo e rebelde, não alterou, negou, desacreditou na opinião a filosofia, à força de nelas misturar absurdos e sofismas?

Mas eis o dia em que essa verdade, de que o homem tudo deve à religião, vai brilhar com mais vivo esplendor. Lembrai-vos do que era o mundo há dezoito séculos? A noite do erro era bastante profunda e universal? A escravidão bastante dura e abjeta? O homem bastante corrompido e miserável? A mulher, a criança, o escravo, o pobre, o prisioneiro bastante degradados, bastante calcados, bastante aniquilados?

Pois bem! Dizei-nos: é das escolas da filosofia ou do Cenáculo que desceu a luz que dissipou as trevas do erro e fez entrar na sombra, como aves lúgubres, esses milhões de deuses a cujos pés o mundo antigo se prostrava trêmulo e cujos altares banhava de sangue humano? Quem quebrou os grilhões da escravidão de um extremo a outro do mundo, aboliu os combates de gladiadores, ensinou o homem a respeitar o homem, salvou a criança do assassínio, da exposição e da venda autorizada por leis antigas, ergueu a mulher de sua abjeção profunda e, de escrava degradada, aviltada, fez dela a nobre companheira do homem? Quem mudou o direito das gentes e, de feroz que era, tornou a guerra tão humana quanto pode ser? Quem enobreceu o pobre a ponto de fazer dele um ser sagrado, preparou palácios para sua miséria e dotou sua velhice? Quem fez descer à cabeceira do doente desconhecido e repugnante jovens príncipes e jovens princesas, nascidos nos degraus do trono, e os tornou orgulhosos de levar o nome de servidores e servas dos pobres?

Entre todas essas obras, filósofos, qual reivindicais? Qual inspirastes? Qual realizais? Dizei a quem cabe a glória.

Ouve-se-vos por vezes falar de diferentes religiões e compará-las entre si; chegais até a discutir seu valor e suas vantagens: dir-se-ia que não sabeis a que altar oferecer vosso incenso. É verdade, várias sociedades disputam a honra de ser as depositárias da caridade de Deus. Quereis fixar vossas incertezas? Segui-nos, o trabalho não será nem longo nem difícil. Vede qual dessas

sociedades espalhou sobre o gênero humano os benefícios de que desenrolamos diante de vós o rápido quadro. Concluí, sem hesitar, que aquela a quem o mundo os deve é a verdadeira sociedade, a única depositária da caridade de Deus e da boa doutrina. Pois uma doutrina que sozinha civiliza os homens, que sozinha os torna melhores, isto é, piedosos para com Deus, justos e caridosos para com os irmãos, castos e humildes em relação a si mesmos, é uma doutrina boa; mas só é boa porque é verdadeira, só é verdadeira porque é divina; e achastes a verdadeira religião e a verdadeira Igreja.

Ora, quais são as sociedades que, há dezoito séculos, se apresentaram como as verdadeiras depositárias da doutrina vivificante? Vejo a Igreja romana, o arianismo, o maometismo, o protestantismo; enfim, depois de todas as outras, vejo voltar a filosofia.

Com a mão na consciência, eram os arianos, os maometanos, os protestantes, os filósofos que desciam aos anfiteatros da Roma pagã para cimentar com seu sangue os fundamentos da sociedade moderna e criar a nova era de civilização que fez a glória e a felicidade do mundo? Não; eram filhos da Igreja católica romana.

Eram os arianos, os maometanos, os protestantes, os filósofos que povoaram as vastas solidões da Tebaida, para dar ao mundo esses milagrosos exemplos de todas as virtudes e ensinar-lhe a aplicar à sociedade, à família e a todo o pormenor da vida privada as grandes lições do cristianismo? Não; eram filhos da Igreja católica romana.

Eram os arianos, os maometanos, os protestantes, os filósofos que, ao preço de todos os gêneros de fadigas e de privações, desprezando os tormentos e a morte, iam arvorar entre as nações de então o estandarte da civilização e da religião, a cruz? Não; eram filhos da Igreja católica romana.

Arianos, maometanos, protestantes, filósofos, como teríeis operado essas maravilhas? Não éreis nascidos. Tudo estava feito quando viestes.

Quando, enfim, chegastes, que fizestes? Que verdade o arianismo trouxe ou conservou? Que princípio social proclamou ele, que negava Jesus Cristo, princípio de toda verdade, de todo dever, por conseguinte de toda sociedade? Que povo tirou da barbárie? Que parte do globo tornou mais moral, mais florescente e mais feliz? Vejo o mundo dividido; vejo o ódio, as disputas, as violências reaparecerem onde quer que ele passe. Eis as obras do arianismo; sua doutrina não é, pois, boa; não é boa porque não é verdadeira; não é verdadeira porque não é divina: o arianismo não é, pois, a verdadeira sociedade, a sociedade depositária da caridade de Deus, conservadora da boa religião.

E o maometismo, quais são suas obras? Filho de um árabe ladrão e libertino, avança com o sabre numa mão e a taça da volúpia na outra, dizendo: Crê ou morre. E vejo ao longe o incêndio das cidades desde as extremidades da Ásia até o centro da África. Vejo o homem transformado em máquina sob a mão de ferro de uma cega fatalidade. Vejo a escravidão dos povos conquistados, o opróbrio da mulher, o desprezo das artes e das ciências. Vejo a barbárie com seu tenebroso caos e as nações submetidas à doutrina muçulmana, subitamente detidas em sua marcha, tornarem-se como uma petrificação viva da humanidade. Eis as obras do maometismo; sua doutrina não é, pois, boa; não é boa porque não é verdadeira; não é verdadeira porque não é divina: o maometismo não

é, pois, a verdadeira sociedade, a sociedade depositária da caridade de Deus e conservadora da boa religião.

Pretensos reformadores do século XVI, Lutero, Zuínglio, Calvino, Henrique VIII, dáveis-vos por reformar a Igreja romana, que ela mesma reformara e civilizara o mundo; acusáveis de ignorância e de barbárie aquela que, havia quinze séculos, conservava à Europa sua superioridade intelectual e moral; pois bem, dizei-nos: que abusos reformastes? Que virtude nova destes à terra? Que consolações trouxestes às misérias humanas? Onde estão as Irmãs de caridade que enviastes à cabeceira do moribundo, ao berço da criança abandonada, ao pobre deitado na palha? Que verdades novas ensinastes? Que princípios conservadores da sociedade e da religião proclamastes? Que sanção sagrada destes à fé? À fé, base da ordem religiosa, política, civil e doméstica? Que digo, sancionar a fé! Vós a aniquilastes, deificando o orgulho humano e proclamando a infalibilidade individual.

E depois, que povo civilizastes? Que selvagens tirastes do meio de suas florestas? Há um século, milhões de índios estão curvados sob o jugo do protestantismo. Ide ver se deram um passo, um só, na estrada da civilização. Para civilizar os povos não basta ter Bíblias para dar-lhes e feitorias para recolher o preço de seus suores; é preciso ter as duas coisas que sozinhas civilizam: nos lábios a verdade e, nas veias, sangue a derramar. E desse sangue de mártir jamais tivestes, e ainda não o tendes.

Assim, a respeito dos povos civilizados, divisão, dúvida, ceticismo, assassínio, pilhagem, revoluções; a respeito dos povos selvagens e bárbaros, impotência absoluta. Nenhum bem e muito mal: eis os efeitos da doutrina protestante. Essa doutrina não é, pois, boa; não é boa porque não é verdadeira; não é verdadeira porque não é divina: o protestantismo não é, pois, a sociedade verdadeira, a sociedade depositária da caridade de Deus e conservadora da boa religião.

Falaremos da filosofia? Poderíamos dispensar-nos. O que dissemos da filosofia antiga aplica-se em tudo à filosofia moderna. Mesmo caos de opiniões, mesmas variações, mesmas contradições e, como consequências, mesmas desordens morais, mesmas convulsões políticas, mesmo desprezo de todas as verdades e de todos os princípios que civilizaram o mundo. Aliás, os filósofos modernos condenaram-se por sua própria boca. A verdade, dizem eles, nunca é nociva: é, responde um deles, a melhor prova de que o que dizeis não é a verdade[2].

Ferida de esterilidade para toda espécie de bem, que fez a filosofia? Onde está o jovem cujos costumes purificou, cujas desordens corrigiu, o pai que tornou mais vigilante, mais equitativo, a esposa mais fiel, o cidadão mais dedicado, o magistrado mais íntegro, o negociante mais leal? Que direi? Onde está a virtude, por pequena, por humilde que seja, que ensinou, sancionou, praticou?

Mas, se a filosofia foi impotente para o bem, é onipotente para o mal. É ela, dizem seus adeptos, que fez tudo o que vemos[3]. E que vemos? O mundo abalado até os fundamentos, todos os laços da sociedade política, civil e doméstica quebrados, desprezados; ribeiros de sangue, destroços e ruínas; o homem tornado carne, sem outra vida que a das sensações animais: eis as obras da filosofia, pois quem diz filósofo diz um homem que se julga com o direito de nada crer e a liberdade de fazer tudo o que quer. Essa doutrina, prenhe de erros, de crimes e de convulsões, não é, pois, boa; não é boa porque não é divina: a filosofia não é, pois, a verdadeira sociedade, a sociedade

depositária da caridade de Deus e conservadora da boa religião.

É, pois, verdade que a Igreja católica romana sozinha havia civilizado o mundo antes do nascimento do arianismo, do maometismo, do protestantismo e da filosofia; era, pois, antes do nascimento deles, a única sociedade verdadeira, a única depositária da boa doutrina e, por conseguinte, da caridade de Deus e conservadora da boa religião.

E, desde que essas recém-chegadas apareceram na terra, deixou ela sua missão benfazeja? Hurões, iroqueses, selvagens de todos os gêneros e de todas as tribos, quem plantou no meio de vossas vastas florestas o estandarte civilizador? Quem vos ensinou a cessar vossos horríveis festins de carne humana e vossos sacrifícios sangrentos? Quem vos reuniu em corpo de nação e vos fez sentar no vasto banquete da civilização? Em nossos dias, quem ainda civiliza as populações desconhecidas da Oceania e os restos dos selvagens americanos, e os hindus, curvados sob o jugo de horríveis superstições, e os gallas, e os cafres e os hotentotes? Arianos, maometanos, protestantes, filósofos, sois vós?

E, sem sair de nossa Europa, quem cobre nossos reinos, do norte ao sul, de todas essas instituições nas quais não se sabe o que se deve admirar mais, ou o bem imenso que operam em favor de todas as idades, de todos os sexos e dos infelizes de todo gênero, ou a dedicação heroica e a alegria celeste dos anjos visíveis que, dia e noite, velam sobre esse montão repugnante de todas as misérias humanas, com uma solicitude mais terna que a de uma jovem mãe sobre o berço de seu primogênito? E depois, nos flagelos que vieram há pouco dizimar o antigo e o novo mundo, quem voou à cabeceira dos doentes? Quem colou o ouvido a suas bocas empestadas para recolher seu último suspiro?

É, pois, verdade que, desde a aparição das pretensas sociedades depositárias da verdadeira religião, a Igreja romana sozinha continuou, continua magnificamente a missão de amor que começara antes do nascimento delas. Sua doutrina não deixou, pois, de ser boa, com exclusão de qualquer outra; mas só é boa porque é divina. A Igreja católica não deixou, pois, de ser a única sociedade depositária da caridade de Deus e conservadora da boa religião.

Conheceis agora a sociedade depositária da verdadeira religião? E, no entanto, para vo-la fazer distinguir de todas as seitas mentirosas, só empregamos uma prova, a mais palpável, é verdade, e por conseguinte a mais popular; a saber, que a árvore se reconhece por seus frutos.

Daí decorrem três proposições, resumo de toda demonstração religiosa:

Há uma religião verdadeira, ou há seis mil anos o gênero humano está ferido de demência.

A verdadeira religião se acha no cristianismo, ou não está em parte alguma.

O cristianismo se acha na Igreja católica, ou não está em parte alguma.

Notas

[1] 1 Tm 3, 16.

[2] J.-J. Rousseau.

[3] Condorcet.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:36 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:36 by Admin